

LITERATURA JUVENIL E/OU LITERATURA *YOUNG ADULT*: DUAS FACES DA MESMA MOEDA?

Daniela Maria Segabinazi¹
Severino Rodrigues²

RESUMO: Este trabalho visa discutir duas designações que vêm sendo bastante utilizadas pelo mercado editorial para assinalar a produção literária para a juventude: Literatura Juvenil e Literatura *Young Adult*. Apesar de parecer, a priori, nomeações distintas para as obras destinadas preferencialmente a um mesmo público leitor, há especificidades que podem ser observadas em cada uma dessas expressões e também nas obras que elas representam, seja na maior ou menor aceitação pela comunidade acadêmica, seja pela abordagem ou linguagem exploradas na elaboração literária pelos próprios autores. Para fomentar tal discussão, partimos de entrevistas a escritores e editores de literatura destinada a jovens, questionando como analisam essas duas expressões e, de que forma, o modo como interpretam as designações Literatura Juvenil e Literatura *Young Adult* influenciam sua produção. Nossa fundamentação teórica parte de uma gama de estudiosos dedicados à literatura juvenil brasileira, como Navas (2018), Colomer (2017), Zilberman (2014), Luft (2010), Ceccantini (2000) e Lajolo & Zilberman (2017; 1985) acerca da literatura juvenil, suas especificidades e valores estéticos, além de Almeida (2019), Ávila (2018) e Vilela (2017).

Palavras-chave: Literatura Juvenil; Literatura *Young Adult*; Juventudes.

YOUTH LITERATURE AND / OR YOUNG ADULT LITERATURE: TWO SIDES OF THE SAME COIN?

ABSTRACT: This paper aims to discuss two designations that have been widely used by the editorial market to label literary production for young readers: Youth Literature and Young Adult Literature. Although they seem to be, a priori, different nominations for books aimed preferentially at the same reading public, there are specificities that can be observed in each of these expressions, as well as in the works they represent, whether in greater or lesser acceptance by the academic community, or by the approach or language explored in the literary elaboration by the writers themselves. In order to stimulate this discussion, we look into interviews with authors and publishers of literature aimed at youths, questioning how they analyze these two expressions and how influential the interpretation of the designations Youth Literature and Young Adult Literature can be when it comes to their production. Our theoretical foundation comes from a range of scholars dedicated to Brazilian youth literature, such as Navas (2018), Colomer (2017), Zilberman (2014), Luft (2010), Ceccantini (2000) and Lajolo & Zilberman (2017; 1985) in regard to youth literature, its specificities and aesthetic values, in addition to Almeida (2019), Ávila (2018) and Vilela (2017).

Keywords: Youth Literature. Young Adult literature. Youth.

¹ Doutora em Letras (UFPB), docente da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), membro do GT ANPOLL Literatura e Ensino e, atualmente, líder do grupo de pesquisa “Estágio, ensino e formação docente”. E-mail: dani.segabinazi@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5344-775X>

² Mestre em Letras (UFPE), Professor EBTT de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Pernambuco (IFPE) e autor de Literatura Juvenil. E-mail: serodrigues.08@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3690-7961>

Introdução

As pesquisas acerca da literatura juvenil contemporânea vêm conquistando gradativamente mais espaço nos estudos direcionados à produção literária para crianças e adolescentes. Esse fato deve-se, entre outros fatores, ao estatuto próprio que a literatura para a juventude adquiriu ao longo do tempo, seja pela implementação de uma categoria própria nos principais prêmios literários do país, seja pela contribuição de investigações pioneiras dessas obras reconhecendo suas qualidades. Entre os trabalhos acadêmicos mais relevantes, destaca-se a tese do professor João Luís Ceccantini, intitulada *Uma estética da formação: vinte anos de literatura juvenil premiada (1978-1997)*, que defende a “autonomia do subgênero”, ou seja, da literatura para jovens, descartando rótulos generalizantes como “literatura infantojuvenil” ou até mesmo “literatura infantil”, que algumas vezes, ainda nos dias de hoje, são utilizados de modo indistinto para designar tanto as obras dedicadas ao público infantil quanto ao público juvenil.

A partir desse recorte, da literatura juvenil ou, nas palavras de Ramos & Navas (2019, n. p.), da “literatura preferencialmente destinada aos jovens”, pode-se observar as especificidades dessas obras frente a outros objetivos estéticos. Nesse sentido, diversas pesquisas vêm contribuindo na identificação, análise, interpretação e compreensão das características, das temáticas e das linguagens exploradas pelos autores. Além de observar a distinção das categorias *Criança* e *Jovens* em certames como o Prêmio FNLIJ (Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil), Turchi (2016, p. 84) ressalta a importância dos estudos acerca das obras literárias premiadas por essa e outras instituições:

Certamente, os prêmios revelam as obras, consagram seus autores e ajudam a construir um conjunto de valores estéticos e culturais, sistematizados pela teoria e pela crítica literária, mas também induzem a indústria cultural a investir em linhas editoriais voltadas à produção literária dessas categorias.

Duarte, Segabinazi & Santos (2018, p. 40) enfatizam essa visão ao dizer que “não se pode duvidar, dessa forma, que obras premiadas, após o crivo da crítica especializada, sejam de qualidade.” Além disso, “realizada a avaliação, as listas com as obras selecionadas eram divulgadas e, estas, enviadas às escolas, no intuito de promover a leitura, ressaltando a

qualidade estético-literária”. No artigo das autoras, o *corpus* analisado consiste nas obras vencedoras das categorias juvenis, do Prêmio Jabuti, promovido pela CBL (Câmara Brasileira do Livro), principal prêmio literário outorgado anualmente no país, e do Prêmio FNLIJ (Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil).

Recentemente, outros prêmios literários vêm surgindo e com foco exclusivo para produção preferencialmente destinada para crianças e jovens, como o Prêmio AEILIJ, da Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil, atualmente em sua 4ª edição, e o Selo Cátedra 10³, da Cátedra UNESCO de Leitura da PUC-Rio, outorgado desde 2016.

Acerca do Selo Cátedra 10, o que desperta a atenção é a presença de obras que comumente não são encontradas em certames mais tradicionais como o Prêmio Jabuti, o Prêmio FNLIJ e até mesmo o Prêmio BN (Biblioteca Nacional) e, por essas obras serem muitas vezes denominadas, seja pelos seus autores, seja pelas editoras e livrarias, como *Young Adult*⁴, ou simplesmente, *YA*. Esses livros, predominantemente enquadrados no gênero romance, apresentam, *a priori*, características, temáticas e linguagem que parecem se distanciar do que a crítica e a escola têm valorizado ao longo dos anos e, ao mesmo tempo, se aproximado mais dos anseios literários dos jovens leitores.

Em participação recente no painel “Quem é o leitor de literatura?”⁵, realizado em 2020 na modalidade on-line, em que foram analisados dados referentes à 5ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, o professor João Luís Ceccantini afirma, ao investigar as obras literárias voltadas ao público jovem, que a literatura *Young Adult* é “uma verdade do mercado bastante importante”, que se constitui como uma “categoria razoavelmente nova no nosso mercado” e que “não acontece necessariamente desse jeito em outros países”. Sendo assim, ele divide os títulos para a juventude mencionados na pesquisa em duas categorias: literatura juvenil e literatura *Young Adult*.

Diante disso, a presença de livros com esse aparente perfil coloca em discussão se estaríamos diante de um novo lugar da literatura destinada para a juventude ou se apenas perante uma das faces da mesma moeda. Este trabalho, portanto, visa discutir duas

³ Promovido pelo Grupo de Estudos em Literatura Infantil e Juvenil (GELIJ) registrado no Diretório de Pesquisa do CNPq: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/43034> Acesso em: 10 mar. 2021.

⁴ Apesar de constantemente utilizada com iniciais maiúsculas, para uniformizar graficamente com a expressão “literatura juvenil”, optou-se por utilizar o termo *Young Adult* com as iniciais minúsculas.

⁵ Disponível: <<https://www.youtube.com/watch?v=6ZxKcHPfvJk>>. Acesso em: 10 mar. 2021.

designações que vêm sendo bastante utilizadas pelo mercado editorial para designar a produção literária para a juventude: Literatura Juvenil e Literatura *Young Adult*.

Para fomentar tal discussão, além de apresentarmos em nossa fundamentação teórica uma gama de estudiosos dedicados à literatura juvenil brasileira, analisamos entrevistas de escritores e editores de literatura destinada a jovens, questionando como interpretam essas duas expressões e, de que forma, o modo como lidam com as designações Literatura Juvenil e Literatura *Young Adult* influenciam sua produção.

1. Literatura Juvenil e/ou Literatura *Young Adult*

Acerca da história da literatura infantil brasileira, Lajolo & Zilberman (1984) indicam a presença de quatro ciclos. O primeiro, de 1890 a 1920, apresenta livros de caráter educativo, além de traduções e adaptações de obras tradicionais e anteriores a Monteiro Lobato. O segundo, de 1921 a 1944, é marcado pela presença de Monteiro Lobato, principal destaque do período, e obras que têm sua linguagem marcada pela oralidade. O terceiro ciclo, que didaticamente vai de 1945 a 1964, apresenta um aumento da produção literária infantil para atender às demandas da família, da escola e do Estado. E o quarto ciclo, a partir de 1965, revela-se com o florescimento da produção literária para crianças e adolescentes, com a presença de uma diversidade de temáticas e autores, além do desenvolvimento de uma vertente crítica sobre esses livros, ou seja, os primeiros estudos acadêmicos na área.

Sobre esse quarto ciclo, Luft (2010, p. 113) afirma:

Como traço marcante da literatura infantojuvenil brasileira do período (o quarto ciclo), tem-se a inversão de seus conteúdos mais típicos. Por meio de uma tendência contestadora, as narrativas tematizam a pobreza, a miséria, a injustiça, a marginalidade, o autoritarismo e o preconceito, e o cenário urbano.

Nesse sentido, percebemos, a partir desse momento, um amadurecimento artístico e estético da literatura destinada à infância e à juventude devido, justamente, ao surgimento de novos autores e da abordagem de uma pluralidade de temáticas, período, portanto, que vem sendo comumente chamado de *boom* da literatura infantil e juvenil brasileira. Foi também a partir desse período, mais especificamente a partir da década de 1970, que se procura, como

destaca Turchi (2016), uma maior diferenciação entre os termos “infantil”, “infantojuvenil” e “juvenil”. A pesquisadora ressalta o papel da FNLIJ (Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil) nessa questão ao instituir, em 1979, as categorias *Criança* e *Jovem* no seu prêmio literário (anteriormente havia apenas a categoria *O Melhor para Criança*). Ainda sobre esse cenário, e como argumenta Martha (2011, p. 1), ocorre, então, o reconhecimento e o estabelecimento de um “específico juvenil”, ou seja, “[...] traços que se apresentam em obras que ocupam espaços entre aquelas voltadas às crianças e a literatura destinada a adultos” pelo fato do surgimento de autores e de obras dedicadas (de modo mais consciente) ao público jovem.

No âmbito acadêmico, a pesquisa inovadora empreendida pelo pesquisador José Luís Ceccantini em seu doutorado, sobre a literatura juvenil brasileira, abarcando, no *corpus* da investigação, vinte anos de obras juvenis premiadas, de 1978 a 1997, valida a “autonomia do subgênero”, como o próprio autor define, frente às produções voltadas para a infância. Desde então, investigações acerca da literatura juvenil contemporânea, observando, sobretudo, suas tendências temáticas têm obtido, cada mais vez, relevo nas universidades.

Essas pesquisas revelam as linhas e as tendências mais comuns, como aponta Luft (2010) em seu trabalho a partir da análise de obras vencedoras dos Prêmios FNLIJ e Prêmio Jabuti. São elas: linha de introspecção psicológica; linha de denúncia social; linha da fantasia; linha da intertextualidade; linha das relações amorosas; linha de narrativas policiais, investigativas; linha de terror e de suspense; linha de revalorização da cultura popular; e linha do romance histórico. Essas pesquisas também enfatizam as temáticas presentes e toda sua complexidade, como ressalta Martha (2011, p. 2):

Com linguagem questionadora de convenções e normas, técnicas mais complexas de narrar, as obras contemporâneas tratam de assuntos anteriormente proibidos a leitores mais jovens - morte, separações, violência, crises de identidade, escolhas, relacionamentos, perdas, sexualidade e afetividades - temas que podem levar à sistematização, ainda que precária, das linhas mais evidentes na produção contemporânea: amorosa, fantasia, psicológica (introspectiva), suspense e/ou terror, policial, realismo cotidiano ou denúncia, folclore, histórica, entre outras.

Diante dessas questões, e considerando o contexto atual de produção literária para a juventude, com a profusão (e muitas vezes confusão e indistinção) dos termos literatura

juvenil e literatura *Young Adult*, é possível afirmar a presença, ou melhor, a convivência com um quinto ciclo, que didaticamente podemos considerar seu início, pelo menos levando em conta a compreensão mais recente que é data à expressão, com a chegada do novo século, ou seja, de 2001 até os dias atuais. O ano, obviamente é símbolo e historiográfico, assim com os indicados nos círculos anteriores. Desde então, a literatura destinada à juventude não só apresenta grande produção e circulação como também parece se desligar cada vez mais da escola (espaço onde essa produção esteve sempre ligada) e chegar aos jovens por aquisição individual e leitura espontânea. Nesse ínterim, Lajolo & Zilberman (2017, p. 14) escrevem:

Concebendo a literatura enquanto um sistema por meio do qual obras, autores e públicos interagem a partir de condições sociais que diferentes momentos históricos proporcionam, o novo contexto cultural do país afeta a literatura infantil e juvenil (apenas ela?) desde seu modo de produção até sua forma de circulação, multiplicando as (outras) linguagens com as quais precisa dialogar.

Portanto, é inegável o contínuo amadurecimento e desenvolvimento da literatura infantil e juvenil e a necessidade de mais estudos na área acadêmica que se debruçam sobre o novo estatuto que, como ainda afirmam Lajolo & Zilberman (2017) é bastante distinto do encontrado até então. Questões essas que dialogam com as que escreve Turchi (2008, p. 1):

O que mudou na literatura juvenil das décadas de 1970/1980 até hoje? Que tendências se consolidaram? Quais caíram por terra, desapareceram, ou ficaram esquecidas? Quais estão sendo revitalizadas na contemporaneidade? Historicamente, quase 40 anos podem não ser tempo suficiente para diagnosticar e precisar as transformações desse período, mas é possível demarcar as trajetórias e numa perspectiva da crítica literária estabelecer as tendências da literatura juvenil produzida no Brasil.

Em trabalho recente intitulado *A produção editorial para o segmento Young Adult*, Ávila (2018, p. 7) destaca, inicialmente, aspectos mercadológicos sobre a produção editorial para a juventude, exemplificando com o surgimento de mesas em eventos literários destinados exclusivamente à discussão da literatura *Young Adult*. Em seguida, ressalta a existência não só de um público leitor brasileiro como também de autores nacionais conscientes e engajados na elaboração artística de obras dessa natureza atualmente, além da criação de alguns selos

editoriais próprios para publicação de obras com esse perfil tanto estrangeiras quanto brasileiras.

Sobre a historicidade da literatura *Young Adult*, Ávila escreve (2018, p. 10):

No final da década de 1950 a *American Library Association* (Associação Americana de Bibliotecas) criou uma divisão específica, que surgiu a partir da percepção da necessidade de tratar separadamente a literatura jovem adulta. Chamada de *Young Adult Services Division* (Divisão de Serviços Jovem Adulto) a divisão ajudou a cunhar o termo “literatura *Young Adult*”, e também foi uma forma de mostrar a importância desse público enquanto foco das bibliotecas, e, mais especificamente, na formação de leitores nos Estados Unidos.

Outro trabalho recente intitula-se *Literatura Juvenil e o Público Jovem*: um estudo sobre a formação de vínculos, em que Vilela (2017, p. 10), ao se debruçar sobre a faixa etária da literatura *Young Adult*, nos mostra que:

A idade mais comum para a classificação desse público é o período do começo da adolescência até a maioridade, 12 a 18 anos, como determinado pela *Young Adult Library Services Association* (YALSA), uma divisão fundada em 1957 pela *American Library Association* (ALA), dedicada ao incentivo à leitura pelos adolescentes (Grifos da autora).

As duas autoras, embora reconheçam que o surgimento da literatura *Young Adult* não seja tão novo mundialmente, afirmam que o modo como ela se desenvolveu e ganhou força no Brasil veio na esteira do fenômeno Harry Potter e na imensa quantidade de obras estrangeiras traduzidas para esse público. Sendo assim, defendem que a literatura *Young Adult* produzida em solo brasileiro e a sua aceitação (tanto por leitores quanto por escritores) é algo recente. Tanto que, no desenvolvimento de ambos os trabalhos, tiveram dificuldades no levantamento de análises dessa produção. Por isso, Ávila (2018, p. 38) também reconhece que a literatura *Young Adult* carece de um conceito que seja amplamente aceito e ressalta que há um campo de estudos a ser explorado por se tratar de um “fenômeno contemporâneo e de crescente relevância no cenário editorial brasileiro”.

Em artigo publicado em 2019, intitulado *Censura aos livros infantojuvenis*, o presidente do Conselho Curador do Prêmio Jabuti na época, Pedro Almeida, discute acerca dos diversos nichos da literatura para crianças e jovens, principalmente das obras literárias

voltadas para a juventude. De acordo com o autor, a literatura destinada a esse público pode ser dividida em dois grupos: a literatura juvenil e a literatura jovem adulta, mais conhecida como *Young Adult*.

A literatura juvenil abarcaria a faixa etária de 12 a 15 anos e a *Young Adult* dos 15 aos 20 anos. Almeida (2019, n.p.) escreve em seguida:

Os livros YA já são completamente diferentes. A ideia não é ser pedagógico, mas sim realista, com uma linguagem mais informal para dialogar com o jovem, falar de coisas mais sérias, tristes também, de seu dia a dia, respeitando a maturidade do leitor dessa idade, que já pode lidar com esses temas sem a supervisão de um professor.

Para Almeida (2019, n.p.), a literatura *Young Adult* abordaria temas diferentes e até mesmo mais delicados que a literatura juvenil, por poder (e ser esperado) esse tratamento nessas obras. Ou seja, sexualidade, violência e saúde mental teriam nessa literatura um espaço privilegiado de discussão. Uma questão mercadológica é posta em discussão pelo autor quando diz que a literatura juvenil seria voltada às escolas e indicada aos adolescentes por adultos, estes pais ou professores. A literatura *Young Adult*, por outro lado, não teria uma preocupação de sofrer censura na escola já que é pensada para as livrarias e, por isso, teria mais liberdade, além de serem leituras escolhidas pelos próprios jovens.

Desse modo, a literatura publicada para jovens no Brasil parece receber dois tratamentos ou se materializar artisticamente de duas formas distintas: uma de maior cuidado na abordagem de temáticas e no emprego da linguagem e outra de maior liberdade criativa. O artigo de Pedro Almeida foi publicado após um recente episódio de censura à participação da autora Luisa Geisler em um evento literário⁶, porque, de acordo com os organizadores do evento, seu livro intitulado *Enfim, capivaras*, (publicado em 2019 pela Seguinte, selo jovem do grupo Companhia das Letras, e considerado como *Young Adult*) apresentaria conteúdo e linguagem inadequados aos jovens leitores. Vale ressaltar também que diversos livros voltados para crianças e para adolescentes têm sido objetos de polêmica recentemente.

Almeida (2019, n.p.), então, propõe que esse debate (das especificidades da literatura juvenil e da literatura jovem adulta, assim como também a censura a esses livros), seja colocado em pauta por todos aqueles que, direta ou indiretamente, estão relacionados à cadeia

⁶ Disponível em: <https://revistaforum.com.br/cultura/escritora-tem-livro-censurado-em-feira-por-linguajar-inadequado-para-jovens/>. Acesso em: 10 mar. 2021.

produtiva do livro, pois “[...] somos nós, da imprensa, do mercado editorial, dos programas de bibliotecas e de livros paradidáticos, e de escolas privadas, que devemos dar o primeiro passo no sentido de mudar esse quadro”.

Ademais, como defende Colomer (2017, p. 210), “[...] as formas literárias correspondentes às novas coordenadas potencializaram a busca do prazer do leitor e diminuíram as fronteiras entre a literatura para crianças e os sistemas artísticos adultos”. Nesse sentido, pesquisas que se voltem para a produção literária para jovens, especialmente os identificados como *Young Adult*, seja pelos próprios autores, seja pelo mercado editorial, poderão revelar as nuances que escapam às análises mais generalistas e englobantes, destacando pontos de convergência e divergência frente à literatura juvenil, ou seja, aos livros que a escola e a crítica acadêmica consideram recomendáveis para os jovens.

Diante dessas discussões, o presente trabalho busca ouvir o outro lado, ou seja, os autores e editores que escrevem e publicam obras de literatura juvenil e/ou *Young Adult*.

2. Com a palavra: autores e editores

A fim de tentar responder à pergunta-título deste trabalho, “Literatura Juvenil e/ou Literatura *Young Adult*: duas faces da mesma moeda?”, foram realizadas entrevistas a autores e editores que trabalham diretamente com a produção literária contemporânea para jovens por meio de questionário on-line via Google Formulários.

Foram feitas quatro perguntas discursivas:

01. Como você interpreta e analisa as expressões “Literatura Juvenil” e “Literatura *Young Adult*”?

02. Acerca dos temas e da sua abordagem, você percebe diferenças entre a literatura tradicionalmente chamada juvenil e a que alguns denominam normalmente de *Young Adult*?

03. No tocante à linguagem, há mais diferenças ou semelhanças quando pensamos numa literatura para adolescentes mais adotada nas escolas e outra mais procurada nas livrarias e feiras literárias?

04. Essas reflexões (ou outras) de alguma forma influenciam na sua escrita (se escritor) ou edição (se editor) de um texto voltado para a juventude?

Responderam ao questionário 03 autores e 03 editores. A seleção foi pautada em profissionais que tivessem no currículo publicações recentes de obras para jovens e que, de alguma forma, dialogassem diretamente com a questão central da presente pesquisa. Foram contactados outros profissionais além destes, porém alguns por questões de disponibilidade de agenda não puderam responder ao questionário. As respostas foram coletadas nos meses de setembro e outubro de 2020. Os entrevistados foram renomeados para A1, A2, A3, E1, E2 e E3.

Para a análise das entrevistas, destacamos mais uma vez a seguir as perguntas, depois algumas respostas dadas e, em seguida, nosso comentário crítico.

Em relação à primeira pergunta, (Como você interpreta e analisa as expressões “Literatura Juvenil” e “Literatura *Young Adult*?”), obtivemos entre as respostas:

A1: Embora tenha sido uma necessidade de divisão mercadológica, acredito que hoje é possível entender para quais públicos estão se dirigindo e como podem ser construídas para tal. A meu ver, abordam dois períodos de transição diferentes do leitor.

E2: Particularmente e no meu dia a dia de trabalho, costumo pensar na "literatura juvenil" como clássicos juvenis (e "novos clássicos", como Harry Potter) e obras para leitores de 11 a 16 anos, aproximadamente. Muitas dessas obras são mais presentes nas escolas do que nas livrarias (em termos de número de vendas), mas não é uma verdade sempre. Quando penso na “literatura *Young Adult*”, reconheço obras mais comerciais, que costumam fazer mais sucesso nas livrarias do que nas escolas e que atraem um público de adolescentes e de jovens adultos (de 14 a 21 anos, em média).

Tanto A1 quanto E2 observam a produção literária para juventude dividida em dois grupos e destacam que as obras seriam direcionadas para dois grupos com faixas etárias distintas. A1 ainda destaca que “hoje” já é possível perceber a quem essas obras se dirigem e E2 reconhece que, embora “não seja uma verdade sempre”, a literatura *Young Adult* tem se afastado da escola ao fazer mais sucesso nas livrarias, indicando um possível direcionamento dessa produção.

Já em relação à segunda pergunta (Acerca dos temas e da sua abordagem, você percebe diferenças entre a literatura tradicionalmente chamada juvenil e a que alguns denominam normalmente de *Young Adult*?), obtivemos entre as respostas:

A2: Sim! Enquanto a Literatura Juvenil está preocupada com os conflitos e habilidades socioemocionais dos adolescentes em idade escolar, a Literatura Young Adult foca-se na vida universitária, no mercado de trabalho, dos anseios da vida adulta recém-iniciada.

E1: Young Adult já pode ter algum tema mais "adulto", como sexo, drogas e questões mais sérias, enquanto que a literatura juvenil fica no campo das primeiras experiências e aventuras.

É consenso nas duas respostas que tanto os temas quanto as abordagens seriam diferentes entre o que se chama de literatura juvenil e o que vem sendo chamado de literatura *Young Adult*. Nesse ínterim, parece nítido que, ainda que a presença de temas fraturantes (“sexo, drogas e questões mais sérias”) façam parte da produção literária brasileira para jovens há bastante tempo, a exemplo, podemos citar as obras de Lygia Bojunga após a Medalha Hans Christian Andersen (*Meu amigo pintor* ou *Sapato de salto*, apenas para mencionar duas), contemporaneamente autores e editores parecem ver na literatura destinada ao jovem adulto espaço mais aberto para uma abordagem mais crua ou realista de determinadas temáticas.

Já em relação à terceira pergunta (No tocante à linguagem, há mais diferenças ou semelhanças quando pensamos numa literatura para adolescentes mais adotada nas escolas e outra mais procurada nas livrarias e feiras literárias?), entre as respostas, destacamos:

A3: Diferenças. A literatura adotada por escolas muitas vezes é escolhida por pessoas professoras ou autorizada por pessoas diretoras que não querem "se incomodar" com pais. É muito ditada por uma expectativa de que esses livros "ensinem" moral e bons costumes e não tenham anti-heróis. Destaco que não vejo isso como um problema exclusivo DE QUEM LECIONA. Existe um sistema que premia a arte inofensiva, que não dá trabalho pra ninguém, nem pra pais, que preferem achar que os filhos de 12 anos desconhecem Pornhub. [...] Confunde-se muito "literatura" com algo "didático". E, de novo, não se questiona por que o livro está daquela maneira, por que uma personagem largou um palavrão, qual o papel da linguagem. A mediação acaba por optar por algo simples. Quer-se lidar não com a linguagem real, não com a pessoa jovem, mas com uma ideia de linguagem e um ideal de pessoa jovem. Acho isso bastante negativo porque acaba priorizando livros de linguagem insossa e distante, histórias distantes da realidade dos jovens, reforça o estereótipo de que o livro é chato. Acho um desserviço imenso, livros que nem eu quero ler.

E3: Sim, de fato. Os livros para o leitor escolar são elaborados em geral de forma a dialogar com as competências desenvolvidas na escola. Enquanto as obras de perfil mais comercial são desenvolvidas com recursos formais que

visam mais entreter que educar, embora possam fazer ambos, sem demérito a nenhuma de suas funções.

Ao discutir acerca da linguagem e das suas possibilidades de manifestação no texto literário para jovens, A3 critica duramente a maneira como muitas vezes a literatura é recebida pela escola e, principalmente, o modo como ela é encarada. O apagamento que é feito, ou até mesmo a censura, de determinadas palavras e/ou expressões seria um verdadeiro “desserviço”, pois anularia o contato com “a linguagem real” que não raro também precisa se fazer presente na obra literária. Já E3 tem um posicionamento mais moderado atestando que, apesar de perceber que os “recursos formais” podem variar, não haveria demérito nenhum se os livros pretendem se aproximar do leitor, seja pelo viés da educação, seja pelo viés do entretenimento. Mas, essa polaridade, aponta mais uma vez para distanciamento entre esses dois perfis literários.

Por fim, em relação à quarta pergunta (Essas reflexões (ou outras) de alguma forma influenciam na sua escrita (se escritor) ou edição (se editor) de um texto voltado para a juventude?), tivemos entre as respostas:

A2: Sim! Embora, no início do meu percurso como escritor, eu tenha tentado "escrever conforme minhas próprias ideias", vi a necessidade de direcionar a escrita às competências e habilidades da BNCC, bem como aos temas sugeridos pelo PNLD.

A3: Influenciam a escrita se o livro é encomendado. Tive um livro encomendado por uma editora didática e me deixaram claro: livros com palavão não são adotados por escola, fim de papo. Eu consegui lidar com isso, coloquei personagens mencionando autores que falam palavão (Hilda Hilst etc.), coloquei "bandeirinhas" pra sinalizar algumas coisas, mas segui as regras. Se o livro é autoral e um projeto meu, tendo a ignorar. Meu compromisso maior é com arte, com o questionar e apontar a realidade.

E2: Como editora, acredito que penso em termos de variedade de catálogo e equilíbrio de vendas, ponderando, assim, a escolha dos títulos a serem publicados durante a avaliação dos livros.

E3: Certamente. Há temas, recursos, escolhas estilísticas e vocabulares que são mais propícias ao trabalho de formação do leitor na escola, enquanto alguns temas e abordagens recebem melhor acolhida em momentos de lazer.

É interessante notar que tanto A2 quanto A3 confirmam que as demandas da escola influenciam na sua produção literária. A2 deixa nítido que a BNCC parece se encontrar com a literatura por meio de um caminho inverso: no lugar de se colocar a disposição para leitura e discussão da produção atual, acaba determinando o que deve ser essa produção. A3 ainda reforça que para o desenvolvimento de uma obra mais livre, teria que buscar um caminho mais “autoral”, para poder “ignorar” e assumir que o seu “compromisso maior é com a arte”. Já E2 e E3, pensando na relação com o trabalho de editor, concordam com as especificidades dos dois segmentos discutidos neste trabalho e que levam isso em consideração na escolha e avaliação dos títulos, ora pensando na “variedade de catálogo e equilíbrio de vendas”, ora “na formação do leitor” e “nos momentos de lazer”.

Apesar desses distanciamentos e levando em conta o trabalho dos entrevistados, além do histórico de alguns em relação do Selo Catédra 10, promovido pela Catédra UNESCO de Leitura da PUC-Rio e já mencionado anteriormente, as duas vertentes discutidas aqui não tiveram sua qualidade literária questionada em nenhum momento, pois estamos refletindo sobre uma “nova” denominação para talvez uma “nova” produção, visto que essas obras são aprovadas também em programas governamentais como o atual PNLD, passando pela crítica especializada.

Portanto, as designações Literatura Juvenil e Literatura *Young Adult* parecem mais dois caminhos que podem ser seguidos por autores e editores, mas que, independentemente da escolha feita, encontram seu leitor, seja numa escola, seja numa livraria. Ou até mesmo, se retomarmos a nossa pergunta-título, duas faces de uma moeda, que, no jogo da leitura, o leitor poderá escolher cara ou coroa.

Considerações finais

Apesar da dificuldade na coleta de dados, o *corpus* do presente trabalho apresenta uma amostra significativa do quanto as expressões “literatura juvenil” e “literatura *Young Adult*”, que num primeiro momento poderiam ser consideradas até como sinônimos, revelam pontos de divergência e até mesmo de tensão dentro do cenário da produção literária direcionada à juventude. Sendo assim, as expressões acima parecem sim sinalizar para algumas especificidades distintas, como também observa o professor João Luís Ceccantini.

É perceptível também que não há um consenso entre os produtores e, em certo momento, até contradições sobre as especificidades da literatura juvenil e da literatura *Young Adult*. O que não deve ser visto ou interpretado como “erro”, mas como materialização dos diferentes discursos que perpassam a produção contemporânea para jovens, indicando sua pluralidade e riqueza, além de um amplo campo de investigação a ser explorado pelos estudos literários. É preciso destacar também a influência que a escola e os programas governamentais vêm exercendo sobre a produção brasileira contemporânea na medida em que impactam o mercado editorial ao mesmo tempo em que representam um dos principais contextos de circulação e aquisição dessas obras.

Portanto, pesquisas que se voltem aos debates sobre a criação literária contemporânea para jovens demonstram grande potencial à medida em que podem trazer à tona as aproximações e os distanciamentos que as próprias obras apresentam entre si.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Pedro. *Censura aos livros infantojuvenis*. Disponível em: https://www.publishnews.com.br/materias/2019/11/18/censura-aos-livros-infantojuvenis?fb_comment_id=2450892098370674_2452743738185510 Acesso em: 10 mar 2021.

ÁVILA, Thaís Russo de Freitas. *A produção editorial para o segmento Young Adult*. Rio de Janeiro: Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. UFRJ, 2018. 71f. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social com Habilitação em Produção Editorial). Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. UFRJ, 2018.

CECCANTINI, João Luís C. T. *Uma estética da formação: vinte anos de literatura juvenil brasileira premiada*. Assis: Faculdade de Ciências e Letras de Assis. UNESP, 2000. 681p. Tese (Doutorado em Literaturas de Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras de Assis. UNESP, 2000.

COLOMER, Teresa. *Introdução à literatura infantil e juvenil atual*. São Paulo: Global, 2017.

DUARTE, Cristina Rothier; SEGABINAZI, Daniela Maria; SANTOS, Maria das Graças de Aquino. Romance juvenil: panorama via Prêmio Jabuti (2007-2017). *Revista Letras Raras*. v. 7, n. 3, p. 34-54, dez. 2018.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história & histórias*. São Paulo: Ática, 1985.

_____. *Literatura infantil brasileira: uma nova outra história*. Curitiba: PUCPress, 2017.

LUFT, Gabriela. A literatura juvenil brasileira no início do século XXI: autores, obras e tendências. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*. n. 36, p. 111-130, jul.-dez. 2010.

MARTHA, Alice Áurea Penteadó. Temas e formas da narrativa juvenil brasileira contemporânea. In: XIII Simpósio Nacional de Letras e Linguística/XIII Simpósio Internacional de Letras e Linguística, 2011, Uberlândia. *Anais do SILEL*. v. 2. Uberlândia: EDUFU, 2011, p. 1-9.

RAMOS, Ana Margarida; NAVAS, Diana. *Literatura juvenil dos dois lados do Atlântico*. São Paulo: EDUC, 2019. (E-book).

TURCHI, Maira. Zaira. Tendências atuais da literatura infantil brasileira. In: XI Congresso Internacional da ABRALIC: tessituras, interações, convergências, 2008, São Paulo. Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC: tessituras, interações, convergências. São Paulo: USP, 2008, p. 1-6.

_____. Narrativas juvenis: a inovação literária em busca do leitor. *FronteiraZ: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária da PUC-SP*. n. 17, p. 81-92, dez. 2016.

VILELA, Leticia Gois. *Literatura juvenil e o público jovem: um estudo sobre a formação de vínculos*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, 2017. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. PUC-SP, 2017.

Recebido em: 10/03/2021.

Aceito em: 14/07/2021.